

Correio de Nisa

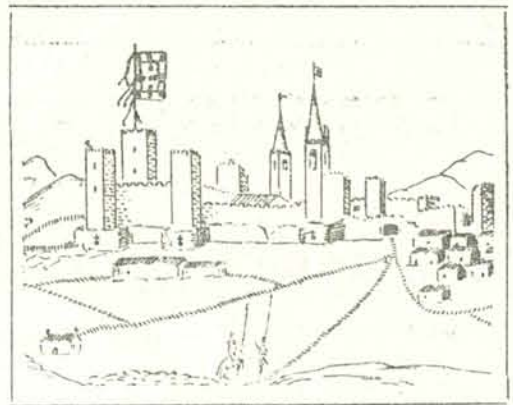
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-2-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO
PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



PIEDADE!

Logo de manhã cedo, quando começa a lida diária de quase toda a gente, deparamos com uma gaiatada sórdida, que se entrem a procurar nas ruas pobres cães desprevenidos, daqueles que em geral não trazem coleira e, como o conhecido « Fiel », também não pagam imposto.

De facto, eles vagueiam, sem que lhes conheça dono, já por falta dos indispensáveis apetrechos exigidos por lei, já pelos ossos que lhes rasgam a pele, mortos de fome e de sede.

Vítimas indefesas do homem, os cães mereciam muito mais compaixão, pelo menos o socorro de umas sopas, a esmola de uma gota de água.

Onde existem, junto das fontes uns pequenos bebedores que traduzam um pouco de delicada sensibilidade humana e sejam exemplo de educação cívica?

Os pobres e desventurados animais gosam e sofrem como os humanos, às vezes — sabe Deus! — com que superior e mais apurada sensibilidade!

Sem eira nem beira, eles suportam indizíveis tormentos: a fome negra, as arroxadas dos homens, a pedrada do rapazio infrene que sempre peja largos e ruas, em disposições estratégicas para consumação dos tormentos, que antecipadamente gosam, o mesmo rapazio que tantas vezes é espectador das maldades dos adultos, dos que tinham obrigação indeclinável de dar exemplos bons.

De longe em longe, prendem-lhes instrumentos de martírio; e os pobres animais lá vão, em louca correria, perante o gargarhar horrível dos seus algozes; que mostram provas de terem vindo ao mundo com corações de pedra, albergados em corpos de forma e figura humanas.

Estas cenas tenebrosas são de arrepiar e constituem espectáculo degradante, um

triste exemplo para esse mar de garotos, muitos já de si bem mal habituados, que assiste como ao quadro mais frequente da comédia humana, à rapina dos pobres animais, cuja existência transitória depende dos homens.

Que terrível dilema não surgirá à mocidade que estuda Educação moral e cívica! Tristes, meditando quem (sabe?) nos martírios que adivinham, os pobres cães lançam a quem passa, um olhar piedoso e brando, « ce regard auquel l'etonnement, la douleur semblent donner des profondeurs humaines de sentiments ».

Ainda há pouco, em pleno Rossio, um garoto apedrejava cão esquélido, quase moribundo. Alguém comprou, a simpática vendedeira que passava, um « bolo da massa do pão ». O triste devorou-o com ansia; e depois deitou-se à sombra, descansando da fome e do martírio, dos dois martírios.

O rapaz assistiu ao acto, pensativo; mais — cremos — com pena da gulodice, que ele não provara, do que com a lição que se lhe deu... e não aproveitou. O seu olhar não revelava arrependimento, mas antes inveja do que não comera...

É caso para perguntarmos, como Herculano « Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estúpido ou ridículo? »

Acabemos com esta vergonha, esforcemo-nos para que a bondade, a beleza de alma, a pureza divina, acompanhe os nossos pensamentos.

Sejamos dignos do nome de gente; poupemos os infelizes animais aos ímpetos da maldade, da tirania, da sanha tigrina; e saibamos disparzir, em torno da existência, algo de belo e de sublime, que eleva o homem pela vida fora e ainda o define para além da campa.

8 NOTAS SOBRE A CONCISÃO

Pelo Dr. Cruz Malpique

— 1 —

Gracián, ou alguém por ele, se a memória nos não falha, dizia: « lo bueno, si breve, dos veces bueno ».

De facto, só se gastam em prolixidades — em derrames de palavras — os pobres de ideias, levados pela ilusão de que no palheiro retórico talvez consigam disfarçar a penúria das ideias.

É se o bom redobra nos merecimentos, com a brevidade, o mau piora com a prolixidade. Com gente sóbria de palavras, mesmo para o inferno não se vai mal. Com gente que constantemente puxa a corda do sino da ênfase, até para o céu não se irá bem.

O melhor escritor não é o que faz de um argueiro um cavaleiro, mas antes aquele que timbra — tal a confissão de Joubert — em meter um livro numa página, e uma página numa frase, e esta numa só palavra.

A concisão cheia como um ovo é a virtude dos grandes escritores.

— 2 —

A concisão sem pontos mortos exige tempo. Tempo e cultura. O outro, escrevendo longa carta, justificava-se « é que não tive tempo de ser... breve! »

Não exagerava. É que para se alcançar o muito em ideias, com o mínimo de palavras, não se dispensa o tempo necessário a podar todas as excrescências do primeiro jacto. É evidentemente não se dis-

pensa a larga cultura que sabe sintetizar o múltiplo no uno.

Ao longo de todas as literaturas se tem verificado invariavelmente que só os génios dizem muito em pouco, ao passo que os desmiolados nada dizem em muito.

— 3 —

Clemenceau estava então na pasta do Interior. Ora aconteceu que num dia de muito que fazer, deu ordens terminantes ao seu chefe de gabinete para naquela manhã não receber mais ninguém. Certo prefeito de longínqua prefeitura é que não se resignava a ter ido a Paris sem ser imediatamente atendido.

Baldamente lhe disseram que não era possível ser atendido. Esperando que saísse a visita que estava com Clemenceau, e que este acompanhou à porta, meteu-se logo à fala, com esta expressão sóbria:

— Uma só palavra, senhor ministro!

Ficou Clemenceau surpreendido com o atrevimento; mas, para pôr o prefeito fora de campo, disse-lhe:

— Seja. Mas só uma!

— Dinheiro! — Replicou o prefeito.

Clemenceau achou graça. Mandou, afinal, entrar o petiçãoário, e foi deferido o pedido deste em favor da urgente satisfação de necessidades vitais da prefeitura.

Caso flagrantemente parecido

com o de Clemenceau e do prefeito é o de Mazzarino e de um pretendente que queria dizer-lhe apenas duas palavrinhas.

Estou muito ocupado, respondeu Mazzarino; mas, como me garante que são apenas duas palavras, diga lá.

— Fome e frio.

E o cardeal que, de facto, estava absorvido com os seus trabalhos de ministro, respondeu com a mesma sobriedade:

— Pão e fogo.

E mandou que fosse satisfeita a necessidade do pretendente.

Lá pelas alturas — « si vera est fama » — havia, outrora, a pachorra necessária para responder nem que fosse sóbriamente Clemenceau deu dinheiro ao prefeito; e, quanto a Mazzarino, não negou nem o pão nem a lenha.

Nem sempre, porém, o laconismo da resposta satisfaz o pretendente.

E assim é que, dirigindo-se a Henrique IV um oficial atrasado no soldo, e pondo-lhe a lacónica alternativa: — « Dinheiro ou baixa », obteve a resposta: « Nem baixa nem dinheiro ».

— 4 —

Quanto a telegramas, é de sua natureza que primem pela sobriedade.

Governava F. J. Jackson a Ugan-

(Continua na página 3)

Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa

Pelo Dr. João Gouveia Tello Gonçalves

A quase totalidade dos trabalhos monográficos que se referem a Castelo Branco e Nisa pretendem dar-nos de ciência certa a notícia de terem sido construídas as muralhas que cingiram estas vilas não só por D. Dinis, mas também à custa do erário régio, e desta afirmação conjectural se têm feito eco todos os divulgadores.

Quanto a Nisa, a mais antiga citação conhecida, deve-se a Fr. Manuel Dias Canhestro, nas Memórias Paroquiais — Tomo XXV, fls. 155 — ano de 1758 —, ao tornar público, de memória, um documento que diz ter existido no Arquivo da Câmara e haver ainda pessoas vivas que o leram.

Reza assim: — « Não me pare-

ce justo deixar em silêncio, visto falar na fábrica dos muros, a quase cópia de uma carta do Senhor Rei D. Dinis para os homens da governança deste povo, em resposta a uma, que eles lhe escreveram pedindo dinheiro para as obras dos muros. É o seguinte: — Para os oficiais da Câmara e povo de Nisa — Vi a vossa carta e estranho muito, que tendo remetido, há pouco tempo, seis mil reis, para as obras dos muros me digais na vossa, que se gastou já este dinheiro: — aí vão dois mil reis, continuem as obras sem cessar ».

Sempre se me afigurou não poder dar-se qualquer crédito a esta quase cópia da carta de el-Rei D. Dinis por ser dirigida aos oficiais

da Câmara e povo de Nisa, por sabermos que Nisa tinha um Comendador, ou da Ordem do Templo, ou da Ordem de Cristo, consoante a época em que a carta fora escrita e além disso tinha os seus Juizes e vereadores, todos responsáveis pela defesa, justiça, organização e administração do concelho, e ainda por não obedecer às normas usadas na chancelaria régia dessa época.

O que ainda mais me surpreendia era a moeda referida na carta, pelo que se procurou saber o que

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura

8 Notas sobre a concisão

(Continuado da página 1)

da — e durante vinte e três anos a governou — quando, um dia, teve de comunicar a lorde Salisbury, a vitória que alcançara sobre o famoso cabecilha africano Tmosé. O telegrama dizia literalmente: «Advanced against Tmosé, defeated, captured, hanged him. Jackson».

Ou em português: «Avancei contra Tmosé, derrotei-o, capturei-o, enforquei-o».

Este telegrama tem parentesco literário com outro bem mais antigo, do tempo em que as comunicações Morse ainda estavam nos intermúndios da fantasia. É o de Júlio Cesar dando conta da vitória que, num instante, alcançara sobre as hostes de Fármaçes, rei do Ponto. A notícia era dada com esta concisão: «Veni, vidi, vici» — cheguei, vi, venci.

— 5 —

Não é por se escrever uma epopeia em vinte cantos que se tiram credenciais para a perenidade. Em arte, a qualidade leva primazia à quantidade. O padre-mestre Boileau, o da Arte Poética, de há muito disse que «un sonnet sans défaut vaut seul un long poème». Soneto dessa estirpe — dos de «sans défaut» — é o de Arvers. E o não tem escrito, era nome escrito sobre água corrente.

Tudo mais que Felix de Arvers escreveu caiu no olvido. O famoso soneto assim começa:

«Mon âme a son secret, ma vie a son mystère,
un amour éternel en un moment
conçu ...»

— 6 —

Se há quem sofra de longorrote aguda, há, outrossim, quem raie por quase invencível mutismo. Tal o caso do presidente dos Estados Unidos, Coolidge, que esteve no poder de 1921-1925. Era tão parco de palavras que lhe chamavam o presidente Tácito. Pois muito bem.

Certo dia, num banquete, certa senhora sai-se-lhe com esta:

— Senhor Presidente, apostei em que o obrigaria a dizer mais de três palavras.

Coolidge, sorridente, dá esta resposta:

— Perdeu. (Em inglês eram exactamente três: «You have lost»).

— 7 —

Tempo é dinheiro; e gastá-lo com palavras inúteis não enra no programa de homens que têm muito que fazer. Não toleram que os obriguem a ir além do estritamente

te necessário.

Tal o caso do famoso fisiologista e cirurgião João Abernethy (1764-1831).

Certa senhora que o consultou, sabedora da rigidez do cirurgião, no respeitante à sobriedade de palavras, chegou, mostrou o braço ferido pela mordedura dum cão, e entre os dois se passou este lacónico diálogo:

— Arranhão?
— Mordedura.
— Gato?
— Cão.
— Hoje?
— Ontem.
— Doi?
— Não.

Não é moralmente possível que isto tivesse acontecido. A ser verdade, a doente era estúpida. E se o diálogo termina ali — o cirurgião não o seria menos.

— 8 —

Se há uma arte pela qual se aprende a falar, outra existe, não menos importante, pela qual se aprende a calar. Calar oportunamente é ainda maneira eloquente de falar. Falar sem oportunidade é próprio de idiotas de profissão. E assim se conta que, tendo certo moço muito falador procurado Sócrates para que este o recebesse como discípulo de retórica, ouviu esta inesperada resposta:

— Sim, senhor. Com uma condição, porém: a de que tereis de me pagar a dobrar.

— ?

— Será uma propina para o ensinar a falar. E outra para o ensinar a calar.

De facto, não falta aí quem não saiba ouvir. Contemos. Estávamos em Luanda, quando, próximo de uma das janelas da nossa casa, pararam dois pretos em animada conversa, havendo, porém, um que não tinha paciência para ouvir, mal consentindo que o seu interlocutor expusesse com princípio, meio e fim as suas ideias. E então, aborrecido com o abuso, dizia o preto interrompido a todo o momento:

— «Mas, se eu falo e você fala, quem escuta? Se quizeres falar comigo, há-de estar calado».

P. S. — O leitor com dois dedos de leitura em coisas de história, dirá que falta aqui uma nota sobre o laconismo espartano. Tão conhecidos são, porém, os episódios que deram motivo às concisas respostas dos espartanos, que preferimos não estar a repeti-los.

CRUZ MALPIQUE

ARRENDAM-SE

As propriedades rústicas de Francisco Paralta Canhoto entre o Patalou e Bajanca
Dirigir-se ao próprio

Quem Canta

Eu no mar e tu no mar,
ambos andamos perdidos:
eu, no mar dos teus encantos;
tu, no mar dos meus sentidos.

Na
Tipografia Nisense
aceitam-se
anúncios
para o

Correio de Nisa

O «Relógio» de Barro Pedrado

(Continuado da página 2)

encarnado.

Fiquei felicíssimo com o negócio, mas o pior foi, que, o meu amigo, no dia seguinte, me apareceu choroso, dizendo que os pais não consentiam na transacção...

E lá me fugiu aquela oportunidade de conseguir o objecto dos meus sonhos! Foi grande o meu desgosto por isso, mas não desanimei, e mais vivo se tornou em mim o teimoso desejo de ter um relógio. Até que um dia, depois de penaar obsessivamente no caso, tive uma ideia que me pareceu genial.

Nós possuíamos, nessa época, um bacefeto, para os lados de Palhais. Era um minúsculo pedaço de terra, de forma triangular, que mais parecia uma cunha encravada entre duas grandes tapadas e onde havia algumas oliveiras, dois marmeleiros parreiras, e em maior número figueiras, uma das quais tinha a particularidade de dar, numa perna, figos brancos, na outra, figos pretos, o que para mim, era motivo de grande admiração por não conhecer mais nenhuma com semelhantes predicados. Ao centro do terreno que era saibroso, existia um poço quadrangular, cuja profundidade não iria além de três metros, quando muito, e que só tinha a água que caía do céu durante o inverno. Assim, sob a acção dos primeiros calores, as nossas minguadas reservas do precioso líquido diminuíam a olhos vistos, tanto mais que meu pai o ia tirando diariamente para regar uma miniatura de horta que era seu costume improvisar ali, todos os anos.

Graças porém, a uma certa impermeabilidade própria dos terrenos daquela natureza, ficava sempre no fundo do poço um bochecho de água que já não dava para a rega, mas se aguentava às vezes pelo verão fora, até ao inverno seguinte. Nesse longínquo ano em que se passou o que estamos narrando, assim aconteceu também. Naquele verão quase no fim, ainda havia no fundo do poço a humidade suficiente para que me fosse possível pôr em prática a minha fenomenal ideia: fazer um relógio de barro!!

Adivinhação

N.º 7

Nenhuma outra criatura,
no reino da natureza,
sobre mim conta vantagens
no poder e na beleza.

Meu belo rosto divino
por tal modo é singular,
que deslumbra a própria vista
de quem me vem contemplar.

Não me canso em descrever
(e até me fora impossível)
quantos prodígios opero
no vasto mundo visível.

(Veja-se a solução na 4.ª página)

Mas, como descer lá abaixo para apanhar uma mão cheia daquela lama avermelhada que me estava tentando...!? Muito facilmente. Em primeiro lugar aproveitei a corda do caldeiro que nos servia para tirar água do poço e que eu sabia estar guardado, por ser inútil agora, entre as ervas secas dum vala de drenagem que atravessava a propriedade de um extremo a outro, amarrando-a fortemente ao tronco de uma oliveira que ficava perto. A seguir, descalcei-me, para, com os pés nus, me firmar melhor numa espécie de toscos degraus cavados no saibro das paredes do poço na intenção de facilitar a descida quando era preciso limpá-lo, e agarrando-me bem ao barão, com a agilidade de um símio, em breve estava de posse da matéria-prima suficiente para pôr à prova as minhas habilidades de relojoeiro emérito! Depois, para ficar com as mãos livres, embrulhei o barro muito bem num papel de que ia munido, guardando-o na algibeira das calças, e subi, da mesma forma como «descera, com a maior facilidade.

Quanto às pedrinhas necessárias para enfeitar o almejado relógio, obtive-as esmagando entre duas pedras maiores, uma pequena pedra branca.

Nas fábricas de relógios da Suíça, há operários especializados que fazem, uns, rodas dentadas, outros, mostradores, etc. Eu iria fabricar tudo sozinho, e então, com que mestria!

Sentei-me à sombra de uma grande figueira, e ali, no sossego vergiliano dessa calmosa tarde estival, apenas alterado pelo zangarrear das cigarras e o crieri dos grilos, comecei a modelação da minha obra-prima, com a mesma simplicidade ingénua e pura dum homem primitivo afeiçoando o seu machado de sílex, ou enchendo de pinturas policromas as paredes da gruta que lhe servia de habitação.

Francisco da Graça Bagulho

(Continua no próximo número)

Dia do Bombeiro

A Corporação dos Bombeiros de Nisa, comemorando o seu dia, realizou um arraial, com quermesse e baile. Houve música na Alameda durante a noite; e o povo afluente para umas horas de distração.

Uma visita

Deu-nos o prazer de vir à nossa Redacção o Sr. Simplício da Cruz Reizinho que vive actualmente em França, na rica região de Indre-et-Loire. Quiz pagar com 50 escudos a sua assinatura, numa clara compreensão do que é um jornal em Nisa.

Daqui lhe agradecemos o obsequio.

Conhece Este Trecho?...

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me, tão entregue a meu
cuidado,
Andar sempre dos homens apartado
E de humanos comércios esquecido.

Mas eu, que tenho o mundo
conhecido,
E quase que sobre ele ando
dobrado,
Tenho por baixo, rústico e
enganado
Quem não é com meu mal
engrandecido.

Vá revolvendo a terra, o mar e o
vento,
Honras busque e riquezas a outra
gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma.

Que eu, por amor somente, me
contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro d'alma.
E o seu autor?

Denominado embora o Príncipe dos Poetas portugueses, a sua biografia é difícil de estabelecer porquanto os seus primeiros biógrafos «construíram-lhe» uma existência lendária, baseados em deduções vagas, colhidas na tradição e nos versos do Poeta.

Calcula-se que tenha nascido em Lisboa, entre 1524 e 1525. Passando a Coimbra para aí fazer os seus estudos no Mosteiro de Santa Cruz, sob a orientação de um tio, D. Bento, prior do dito mosteiro e cancelário da Universidade — a qual, ao que parece, o Poeta nunca frequentou —, presume-se que por motivos amorosos o teriam forçado a regressar a Lisboa onde inicialmente teria frequentado o Paço.

Surgem então alguns documentos esclarecedores do teor da vida do Poeta. Boémio e espadachim, envolveu-se numa richa que lhe acarretou a prisão, donde saiu um ano depois, em 1553, para seguir para a Índia, ao encontro do pai que para lá partira.

Na Índia revelou todo o seu valor militar. Mas, licenciado o soldado, arrastou uma vida apagada de funcionário, parecendo ter criado algumas dificuldades, ocasionadas pela sua muita liberalidade.

Tornada impossível a vida na Índia, arranjaram-lhe um lugar em Moçambique, onde, anos mais tarde, um grupo de amigos o foi encontrar preso e na maior miséria. Apiedados trouxeram-no para a Metrópole.

De novo em Lisboa, pensou o Poeta publicar o Poema a que consagrara toda a sua vida. E foi bem sucedido, pois não só obteve licença para a publicação como ainda uma tença de quinze mil reis, modesta é certo, mas que atesta o imediato reconhecimento do seu extraordinário mérito. E assim saiu dos prelos, em 1572, o Imortal Poema que por si só o impunha entre os valores universais da Literatura.

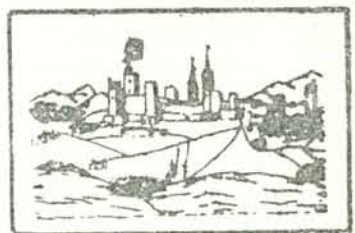
Morreu em Lisboa, a 10 de Junho de 1580, assistido, talvez, nos últimos momentos por sua mãe, Ana de Sá, que passou a usufruir a tença que o filho recebera em vida.

(A solução deve ser procurada numa das páginas deste jornal)

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINHAMENTO DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES, CONTRATOS ESPECIAIS, NÃO SE RESTRIEM ORIGINALS, A CORRESPONDÊNCIA É DIRIGIDA AO DIRECTOR, TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



OS NOSSOS ASSINANTES

(Continuação)

João Emilio Figueiredo
José Salgueiro Zacarias
António Henriques C. da Silva
José Dinis Baginha
Perfeito Isabel Vereadas
Eng. Joaquim Pereira Ribeirinho
José Carita Temudo
Adelino Nunes Gomes
Capitão Joaquim Maria Gomes
Joaquim Maria G. Cativo
Jaime Basso dos Santos
Mário da Conceição M. Esteves
António Tomás
João Gonçalves Correia
José Júlio P. Martins
José Manuel de O. Carrilho
Joaquim Maria Florindo
António Carita Granchinho
António Maria Grave
José Maria Caixado
António Maria da Piedade
José Maria C. Pereira
Manuel Dinis Bicho
José Carita
António Emilio Ramos
Dr. António André D. Porto
João Maria Valente
Mário Melato Infante
Gisel Figueiredo Pereira
António Maria Polido
João da Cruz Caixado
Joaquim da Cruz P. Carrilho
Manuel André D. Porto
José Manuel Gama da Silva
José da Cruz Cebolais Figueiredo
João Emilio Bento
Alberto da Cruz Moura
Manuel Bizarro
Maria Carolina Caldeira
Joaquim da Cruz Beato
José Miguéns Louro
Isaura Carita de Oliveira
Arnaldo Pinheiro
Augusto Pinheiro
António Ernesto Moura Dias
José Maria de Jesus Castanho
José Dias Moura Semedo
Joaquina da Cruz Inocência
João da Graça Carvalho
Joaquim Lopes Subtil
José da Graça Moura
D. Maria da Conceição Carita
João Henriques Heleno
Tenente António Falcão
Júlio Correia
José Semedo Charrinho
Delegação da Liga C. G. Guerra
João Sampaio de Matos
Júlio Ribeirinho Pinheiro
Luís Dias Vitorino
António Filipe Casimiro
José Henriques Nogueira da Silva
José Júlio Bizarro
Eduardo Dinis Pinheiro
António Dinis Pinheiro

Noivos

No dia 7, casou o Sr. João da Cruz Caixado com a Sr.ª Emília Bento Maia Temudo.

No dia 14, o Sr. José Vilela Mendes com a Sr.ª Maria Dinis Ribeirinho.

No dia 18, o Sr. Joaquim Maria Condessa com a Sr.ª Casimira Gomes Mota.

Muitas venturas para todos.

Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa

(Continuado da página 1)

dizem os cronistas.

Fernão Lopes diz-nos: «No tempo de el-Rei D. Dinis... corria geralmente em estes reinos uma moeda que chamavam *dinheiros velhos* das quais dez delas faziam um *soldo*, e vinte soldos uma *libra* e vinte e sete soldos fazia um *maravedi velho*...».

Rui de Pina na crónica de D. Dinis, capítulo XI, conta-nos que «el-Rei de Portugal deu de graça a seu genro o rei D. Fernando, um milhão de *maravedis*...».

Num documento datado de 5 de Março de 1305 (era 1343) — carta de venda de um lagar com sua casa e quintal, feita à Ordem do Templo e que está copiada no 2.º Livro de escrituras da Ordem de Cristo, mandado compilar por D. Sebastião, a fls. 95, que se guarda na Torre do Tombo, diz-se: «Vendemos a vós Fr. Gonçalo Fernandes, Comendador de Nisa a Nova... por preço de 22 *maravedis*...».

Onde se poderá achar referência a Reis, como unidade monetária deste reinado?

O que se afigurava ser conjectural, vai provar-se carecer inteiramente de verdade, com a publicação de dois documentos que repõem a verdade histórica.

Vejam, porém, antes, como foi tratado este assunto nos diversos trabalhos publicados sobre Castelo Branco.

Vá com Deus

De visita a sua Ex.ª Família, esteve na Metrópole o Sr. Jaime Fragoso de Almeida que veio até cá em goso de licença.

Já regressado ao Ultramar, ali vai prosseguir a sua nobre missão.

Desejamos-lhe, muito sinceramente, que Deus sempre o acompanhe.

Porfírio da Silva no seu *Memorial* diz-nos terem sido as fortes muralhas que cingiram Castelo Branco edificadas por D. Dinis em 1319.

António Roxo também na sua *Monografia* pretende fazer crer ter existido uma primitiva cintura de muralhas, mas devido ao rápido incremento da povoação, e por esta se achar apertada, ordenou D. Dinis que à custa das rendas reais se fizesse nova cintura de muralhas, alargando-se assim o perímetro da vila.

O Dr. Ribeiro Cardoso (1) atribui à Ordem do Templo a construção das muralhas, entre 1230, em que há notícia histórica da existência da Alcáçova, e 1319 em que foi criada a Ordem de Cristo, declarando em nota haver conhecimento da afirmação feita pelo Dr. Rui de Azevedo na *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, de terem sido mandados levantar os muros das vilas de Castelo Branco e Nisa, pela Ordem de Cristo em 1343 a instâncias de D. Afonso IV, mas que embora reconhecesse no Dr. Rui de Azevedo merecimentos comprovados para se acreditar na sua afirmação, não emendava o texto por não haver tomado conhecimento de documento que justifique a asserção do ilustrado professor (2).

(Continua no próximo número)

Progresso

Pelos Serviços competentes foi ordenada a colocação, em vários locais, de placas de mármore para nelas se afixarem avisos públicos.

O jornal já se referiu a esta necessidade, indispensável, por diferentes motivos.

É medida de aplaudir.



NISA

Maria da Graça Ribeirinho Nunes
AGRADECIMENTO

Seu esposo José da Cruz Nunes, sua filha Palmira Nunes Pires, seu genro José Pires, sua nora Palmira Granchinho Nunes e netos, por desconhecimento de moradas, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas de suas relações e amizade e a quantos a acompanharam à sua última morada e enviaram condolências.

CASAMENTOS

— José Carita André com Maria do Rosário Baptista

— António de Oliveira Caixado Pequito com Joaquina da Graça Mendes.

— António da Cruz Gomes com Maria da Rosa Lopes Bizarro.

— Adelino da Piedade Nunes Temudo com Mariana da Graça Louro Granchinho.

— João Dinis Policarpo com Isabel Louro da Piedade Serra.

ÓBITOS

— Catarina Januário Marques

— Jerónimo Dinis Salgueiro

— Maria José Tecelôa

— António da Graça Crisóstemo

Agradecimento

A família de Ângelo Curado Leitão, por desconhecer o endereço de algumas pessoas que se dignaram comparecer no funeral e que enviaram cartões de pêsames, vem por por este meio, muito sensibilizada, manifestar a todos o seu melhor agradecimento.

O NOSSO ALENTEJO

Igreja do Convento de Avis

EM FRENTE!

Como havíamos calculado, e como é de inteira justiça, continuam os Ranchos de Nisa a conquistar fora da Terra os louros que muito dignamente alcançam, à eusta de trabalho, persistência, a que não são estranhos os dissabores, mas que, no fundo, traduzem um verdadeiro triunfo.

O Sr. Rodrigues Correia, homem de vistas largas e, podemos afirmar, um benemérito no campo da divulgação das nossas riquezas regionais, não é pessoa tímida; antes se tem mostrado verdadeiro arauto do que a Vila tanto necessita; a cultura popular, a educação e os bons costumes, sem os quais o homem não tem existência espiritual.

Nestes termos — e para continuação da magnífica cruzada — os Ranchos estiveram no dia 24 passado na localidade de Cabrito, perto do Rossio ao Sul do Tejo, onde a sua actuação foi de tal modo perfeita que as ovações chegaram ao delírio.

Alguém afirmou, que se têm ali exibido vários ranchos mas nenhum com a elevação e o cunho dos Ranchos de Nisa.

No dia 10 de Agosto, na Ponte do Sor, o entusiasmo chegou ao rubro, ou não estivesse lá o digno nense que é o Sr. Cruz Buchó. Por este nosso muito presado assinante foi oferecido aos visitantes um copo de água; e depois um jantar primoroso, prova exuberante de que os nenses souberam tocar o coração de um outro digníssimo e afável conterrâneo que, embora há muitos anos a viver na Ponte do Sor, nunca, por nunca, esquece a linda terra que lhe foi seu berço.

Da linda e laboriosa Vila da Ponte do Sor, dir giram-se a Vale do Arco, onde o entusiasmo foi grande, activado pela colaboração da Sr.ª Professora D. Maria da Cruz Reizinho, sempre pronta a tudo que dignifique a sua querida Nisa.

No último sábado, em Castelo de Vide, a ridente e acolhedora «Sintra do Alentejo», as exibições foram igualmente frenéticas, alcançando o Sr. Rodrigues Correia os maiores aplausos, assim como todos os componentes dos Ranchos. Falou o Sr. 2.º Comandante dos Bombeiros locais que teve palavras do maior apreço e carinho para com a nossa simpática embaixada. Ao Direct r foi oferecida a medalha dos Bombeiros de Castelo de Vide, o que é uma honra.

No dia 16, em Alegrete, a exibição foi estrondosa. Foram recebidos pela Banda local; e foi-lhes oferecido um delicado copo de água. Falou o Sr. Padre Américo que num brilhante improviso dirigiu aos Ranchos de Nisa as mais elogiosas e justas palavras.

Em 5 de Setembro, vão à Aldeia da Mata; em 13, tomam parte nas festas da Póvoa e Meadas, gratuitamente, para agradecer a colaboração do Rancho daquela Terra, vindo a Nisa há pouco tempo. Depois irão a Viamonte. E a fechar as referências: O Sr. José Maria de Jesus Castanho, nosso presado assinante, inscreveu-se com a quota mensal de 100\$00.

Os mais rasgados aplausos. *****

Falecimento

Na sua residência, faleceu ontem a Sr.ª D. Maria José Goulão, mãe estremosa do nosso presado colaborador Sr. Aníbal Goulão, a quem, bem como a toda a família, apresentamos pêsames.